



EXPOSIÇÃO
DO PATRIMÓNIO
ARTÍSTICO
E RELIGIOSO
DO CONCELHO
DE VALONGO

Arte *in excelsis*

MUSEU MUNICIPAL

Edição

Câmara Municipal de Valongo

Parcerias

Diocese do Porto
Paróquias de Alfena, Campo, Ermesinde, Sobrado e Valongo
Santuário Diocesano de Santa Rita
Ateliê Jorge Curval
Associação Cantadeiras do Leça (Tapete Floral)

Museografia

Divisão de Inovação, Planeamento e Apoio ao Investimento:
Vitor Sá e José Manuel Ferreira

Museologia

Divisão de Cultura e Turismo:
Manuela Ribeiro e Isaura Marinho

Projeto expográfico

Eusébio & Rodrigues, Lda.

Catálogo

Divisão de Tecnologias de Informação e Multimédia:
Rui Pereira, Nuno Soares e André Carvalho

Multimédia

Ritshall Rameschandra
Apoio - Divisão de Tecnologias de Informação e Multimédia

Sonoplastia

Divisão de Cultura e Turismo:
Manuela Ribeiro e Isaura Marinho

Coordenação montagem

Divisão de Cultura e Turismo:
Manuela Ribeiro

Limpeza e conservação

Divisão de Cultura e Turismo:
Isabel Campos

Colaboração

Turismo Porto e Norte de Portugal

Hagiografia

António Rodrigues

Impressão

Empresa Diário do Porto

Tiragem

500 exemplares

—

Exposição patente de 10 de abril a 31 de dezembro de 2021

Arte *in excelsis*

A arte sacra constitui uma categoria muito própria da produção artística, enquanto evidencia material do homem e da sua relação com o sagrado.

A exposição concretiza, através de linguagem museológica, a notável riqueza patrimonial e artística, numa narrativa que articula a génese e a caracterização das peças, transportando o visitante para o território específico de cada espaço sacro.

Com um legado material que vai do séc. XIV ao séc. XX, é permitido perceber a forte ligação do concelho de Valongo ao mundo artístico. Nas galerias, destacam-se peças de diversas vertentes, da prata à madeira, dos metais aos têxteis, usadas nas celebrações religiosas do período barroco e neoclássico, revelando como as Igrejas do concelho viviam, nomeadamente, no período pós Concílio de Trento e Vaticano I.

Ao longo do percurso, além de um conjunto de peças de arte sacra, objetos litúrgicos e paramentos, destacam-se pinturas com animação multimédia, painéis luz com fotografias inéditas e uma projeção de vídeo sobre o património construído.

Estamos perante uma oportunidade única de olhar este património, que revela traços de religiosidade e identidade das comunidades locais.

O catálogo desta exposição materializa e constitui, sem dúvida, uma valorização da nossa cultura e da nossa história!

Obrigado pela sua visita.

Somos uma passagem, mas a arte pode ser uma permanência.

A abertura desta exposição ao público, mais do que uma montra de peças de arte, é essencialmente um instrumento de conhecimento.

A existência de um vasto e valioso espólio artístico e religioso no concelho, conjugado com a intenção da Autarquia na preservação do património cultural e no turismo, foram determinantes na decisão de trazer à fruição do público uma variada seleção de peças de arte sacra das nossas igrejas e capelas.

É esta sublime viagem que se pretende transmitir ao visitante, confrontando-o com as obras interpoladas em diferentes temáticas, aqui representadas pelas cinco Paróquias – Alfena, Campo, Ermesinde, Sobrado e Valongo – e pelo Santuário Nossa Senhora do Bom Despacho e da Mão Poderosa e de Santa Rita.

Reunidas quase uma centena de espécimes de escultura, pintura, pratas, missais e paramentos litúrgicos, procedentes dos cofres paroquiais, de grande valor cultural e simbólico, entre o barroco e o neoclássico, revelam nomes de importantes artistas e escolas de arte, evidenciando a fé de um povo e o legado artístico do concelho de Valongo.

Não obstante, pretende-se com esta iniciativa dar uma nova projeção à marca património religioso, sensibilizando o público para a sua invulgar riqueza, que importa valorizar e promover, no bom exemplo de cooperação entre o Estado, que é laico, e a Igreja.

Esperamos, pois, que seja uma boa fonte de conhecimento, uma boa fonte de inspiração e que marque uma etapa importante no setor artístico, cultural e histórico do nosso município.

A todos aqueles que depositaram todo o empenho e contribuíram para dar corpo a esta exposição, dirijo o meu forte reconhecimento e gratidão.

José Manuel Ribeiro

Presidente Câmara Municipal de Valongo

A arte e a fé

Mesmo antes de articular qualquer palavra, o bebé relaciona-se com o mundo por intermédio dos sons: quer pelo choro, na primeira fase, quer por aquele blá-blá-blá que exprime contentamento. Certamente, o bebé nem sabe que está a «fazer barulho». Nasce-lhe por instinto. Não obstante, precisa desses sons que, com o tempo, se habitua a modelar, a transformar em palavras, a cantar, a fazer deles meio de comunicação, porventura, das mais elevadas ideias filosóficas ou científicas.

Com o artista criador, o processo é diferente. Ao pegar no mármore, no tronco de madeira ou na tela, ele já tem em mente qualquer coisa. Depois, com muito trabalho manual e não menos afincado intelectual, passa para a matéria a ideia pré-concebida e, talvez, aperfeiçoada durante o ato de execução. No bloco de mármore já «estava» a Pietá de Miguel Ângelo. Mas foi preciso muito trabalho para a «descobrir», retirar as escórias, a fazer ressaltar à luz do dia.

É isto a arte: uma ideia significativa que está escondida nos materiais ou na tinta e que o artista, e só o artista, fará ver e sentir à coletividade. Ora, quando se trata de temáticas da fé, essa comunidade é a mais universal possível, pois é constituída por crianças e velhinhos, intelectuais e não-estudados, aderentes à fé e outros que a desconhecem. O que –sem desprimor para nenhum outro âmbito– faz das temáticas ligadas à fé o núcleo mais alto que as artes podem referir e atingir.

Está de parabéns a Câmara Municipal de Valongo e os Curadores desta Exposição pela escolha temática realizada. A arte que toca o religioso tem muitos dados que a credibilizam: a mais numerosa em Portugal, com um acervo total de cerca de 80% de tudo o que consideramos património artístico; a que possui as peças consideradas mais valiosas; a mais diversificada, pois vai da arquitetura à música, da escultura à pintura; a capacidade de representar a eterna busca de Deus através da beleza; etc.

Mas há um dado que não se pode esquecer: é, também, a única popular. Sim, é a única que se criou para dizer respeito ao povo anónimo que frequenta as nossas igrejas e catedrais, capelas ou simples oratórios. É o único género de arte que não se destina aos palácios dos ricos ou aos museus adormecidos, à ostentação dos novos-ricos ou ao diletantismo de minorias intelectuais. É a arte para o povo e cujo mecenas/proprietário é o povo. E isso diz tudo.

O povo das várias Paróquias de Valongo é um povo de fé. Por isso, secularmente, procurou na arte religiosa o acesso ao divino: nas pinturas, contempla as verdades da doutrina; com as imagens, eleva oração a Deus; com a música, presta-Lhe o culto que Lhe pertence; com os paramentos, significa a majestade divina; com as igrejas e capelas, coabita com Deus, pois essas são, ao mesmo tempo, casas de Deus e casas do povo.

Parabéns! E que assim se continue, pois a nossa grandeza está na capacidade de elevação.

† Manuel

Bispo do Porto



NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada e policromada, coroa em prata
Paróquia de S. Vicente de Alfena

A devoção à Assunção da Virgem Maria tem raízes muito profundas, apesar de, apenas no século XX, ser reconhecido como dogma, ou seja, verdade inquestionável de fé. Em madeira dourada e policromada do século XVIII, esta imagem de Nossa Senhora da Assunção apresenta-se sobre os querubins e de mãos erguidas em oração. De face singela e cabelos longos, estes suportam uma coroa. A túnica e o manto são trabalhados com motivos florais de várias tonalidades com orla do manto rendilhada.

SENHOR MORTO

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura, madeira estofada e policromada
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Imagem jacente de Cristo, de braços articulados em tamanho muito próximo ao natural. Carregada de uma feição realista, transmite a dor e o sofrimento, ainda que represente um ar sereno, concordante com o período de Misericórdia e Ressurreição. Integrou o altar de Nossa Senhora das Dores, na antiga Igreja Matriz de Alfena.

NOSSA SENHORA DAS DORES

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura, imagem de roca: madeira, ponto em prata, resplendor e espadas de prata, paramento seda e veludo
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Sentada, em pranto, de braços abertos e vestida de púrpura com motivos bordados a fio de ouro, a imagem de Nossa Senhora das Dores é proveniente da antiga Igreja Matriz de Alfena. A Virgem apresenta-se com um resplendor em prata e, em seu peito, tem cravadas sete espadas que remetem para a devoção das sete principais dores de Nossa Senhora, passadas aos longo da sua vida com seu Filho.

NOSSA SENHORA DO AMPARO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira policromada
Paróquia de S. Vicente de Alfena

De longos e encaracolados cabelos, apresenta-se a Virgem vestida de túnica rosa e manto azul, esvoaçante, com pormenores dourados, e em seu colo sustenta o Menino Jesus. A seus pés ajoelha-se um menino, em oração, em quem a Virgem deixa repousar sobre ele a orla do seu manto em sinal de proteção. Nossa Senhora do Amparo tem grande devoção na comunidade de Alfena.

CRISTO CRUCIFICADO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada e policromada
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Imagem de Cristo morto numa cruz de reduzida dimensão. Ressalta a inscrição sobre a cruz 'INRI', com a indicação do condenado – Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum, "Jesus, o Nazareno, Rei dos Judeus". Segundo os Evangelhos, teria sido escrita em aramaico, grego e latim de modo que a sua compreensão fosse mais abrangente. Integrava o altar de Nossa Senhora das Dores, na antiga Igreja matriz de Alfena.



SANTAS MÃES

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada, policromada, com coroa e resplendor em prata
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Representação da Virgem Santa Maria, Mãe de Cristo, Santa Ana Mãe da Virgem, e o Menino Jesus. Ressalta o valor simbólico das frutas que ambas possuem. A Virgem segura na mão direita uma maçã, símbolo do pecado original e Santa Ana abarca, com a mão esquerda um cacho de uvas, símbolo eucarístico, e algumas tâmaras que remetem para a vitória e o sacrifício. O Menino induz um movimento para tentar alcançar os frutos da avó, remetendo para uma premonição do Seu sacrifício salvador pela humanidade. Tinha altar na antiga Igreja Matriz de Alfena.

CUSTÓDIA SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Autor desconhecido, 1895
Ourivesaria, prata, prata dourada e vidro
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Destinada a receber o tesouro mais precioso dos católicos para a adoração dos fiéis. Ricamente decorada com volutas, flores, folhas, dá corpo à hóstia consagrada. O hostiário, local que abriga o próprio Deus, é de prata dourada e ao seu redor desenvolve-se um resplendor de raios de dimensões variadas.





MENINO JESUS

Autor Desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira dourada e policromada, tecido e resplendor de prata
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Menino Deus debruçado sobre uma coluna encimada por uma caveira. Estes elementos estão carregados de grande simbologia. A caveira remete-nos para Cristo como o 'novo Adão'. O vestido púrpura, a coluna da flagelação e a caveira apresentam-se, assim, como presságio da missão salvadora desta criança.

ANJOS DE RETÁBULO

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura, madeira entalhada e policromada
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Pertencentes a um dos retábulos da antiga igreja de Alfena, os anjos tocheiros funcionam como adorno, de forma a conduzir a atenção dos fiéis para uma imagem sagrada.



EX-VOTO

Autor desconhecido, séc. XVIII, 1733
Pintura, óleo sobre madeira
Paróquia de S. Vicente de Alfena

O oferecimento de ex-votos em agradecimento por um favor divino, para além de ser um reconhecimento, serviria de fomento da piedade popular, divulgando as graças alcançadas. Neste caso, trata-se do agradecimento, por parte de um homem abastado, da cura de dois escravos, por intercessão de Nossa Senhora do Amparo. Neste sentido, observa-se, ao fundo, um escravo deitado numa cama e, em primeiro plano, o burguês com o escravo a agradecer à Virgem.

PANO PORTA SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Autor desconhecido, séc. XIX, 1882
Paramento, veludo e forro fazenda
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Destinava-se a resguardar a entrada da antiga igreja de Alfena, de forma a anunciar a exposição do Santíssimo Sacramento a quem se aproxima do templo. Este tecido, de veludo vermelho, ornamentado com motivos vegetalistas nas bordas, apresenta uma representação do Santíssimo Sacramento ao centro acompanhada de uma filacteria com a indicação do ano: 1882.

NOSSA SENHORA DO BOM DESPACHO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada e policromada
Santuário Diocesano de Santa Rita

Consagrada com uma das mais belas imagens de Nossa Senhora, da Diocese do Porto. A imagem assenta sobre um conjunto de nove querubins, envergando uma túnica e um manto decorados com motivos florais e dispostos em modo esvoaçante. Sobre o seu braço esquerdo, deveria repousar o Menino, que se perdera no tempo.

SANTA MARGARIDA MARIA ALACOQUE

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura, madeira entalhada e policromada
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Nascida no século XVII, na Borgonha, França, Margarida é a responsável pela divulgação da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. A imagem apresenta-se com um hábito negro, em êxtase. Segundo a biografia desta personagem, Jesus Cristo ter-se-á revelado a esta santa e apresentado o seu coração "ultrajado pelos homens" favorecendo devoções de reparação pela difusão desta devoção. A escultura integrava o altar do Coração de Jesus, da antiga igreja Matriz de Alfena.

SÃO VICENTE

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura, madeira estofada e policromada, resplendor em prata
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Segundo a sua hagiografia, S. Vicente foi um diácono hispânico, martirizado nos princípios do século IV. A sua devoção espalhou-se por toda a Península Ibérica. A imagem apresenta-se paramentada com vestes de diácono (dalmática vermelha). Na mão direita segura a palma, simbolizando o martírio, e na esquerda, junto do coração, apresenta o Evangelário. Aos pés, encontramos um corvo, o qual, segundo a tradição, protegeu e vigiou as suas relíquias depois da morte.

TURÍBULO

Autor desconhecido, Séc. XIX
Ourivesaria, prata
Paróquia de S. Vicente de Alfena

Destinado à combustão de incenso durante a liturgia, é decorado com relevos vegetalistas, folhas e flores.



SÃO MARTINHO

Autor desconhecido, séc. XX, 1909
Pintura, óleo sobre tela
Paróquia de S. Martinho de Campo

A pintura remete-nos para a hagiografia de S. Martinho de Tours. A obra apresenta-nos Martinho que vai a passar, a cavalo, numa estrada entre uma paisagem montanhosa. Na beirada do caminho, terá surgido um velho pedinte seminu. Martinho, deparando-se com aquela situação, terá repartido a sua capa com o pobre. Nesse momento, o dia gelado que se vivia deu lugar ao sol quente. Por este motivo, os dias abrangidos pela festa de S. Martinho (11 de novembro) são popularmente apelidados de 'Verão de S. Martinho', evocando esta passagem. Esta obra fora oferecida pelos filhos de Raquel Moreira à paróquia de S. Martinho de Campo, no ano de 1909, conforme indica a inscrição na moldura da tela.

CASULA ROMANA E ESTOLA

Autor desconhecido, séc. XIX
Paramento, fio de ouro e seda
Paróquia de S. Martinho de Estremoz

Usada pelo sacerdote durante a celebração da Eucaristia e em festividades. Em seda e bordada a fio de ouro, este paramento é abundantemente decorado com motivos florais. Ressalta a presença de cravos que, pela simbologia cristã, simbolizam o 'amor divino' e a 'Paixão de Cristo'.

CUSTÓDIA-CÁLICE

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata dourada, pedras e vidro
Paróquia de S. Martinho de Campo

Destinada à celebração da eucaristia e à exposição da hóstia consagrada para adoração dos fiéis, a peça possui uma dupla funcionalidade permitindo juntar as duas espécies eucarísticas, pão e vinho. Sob um cálice de base redonda, adornado com pedras, querubins e quatro pequenos sinos, um ostiário em forma de templete acompanhado de um resplendor e com pedras pendentes. A peça é coroada por uma cúpula com lanternim, o conjunto é rematado pela figura de Cristo ressuscitado.



CUSTÓDIA-CÁLICE

Autor desconhecido, séc. XIX,
Ourivesaria, prata dourada e vidro
Paróquia de S. Lourenço de Ermesinde

Peça, com dupla funcionalidade, destina-se à celebração da eucaristia e à exposição da hóstia consagrada para adoração dos fiéis, permitindo juntar as duas espécies eucarísticas, pão e vinho. Sobre um cálice de base redonda, um ostiário em forma de templete acompanhado de um resplendor. Lateralmente, é acompanhado por um par de colunas. A peça é coroada por uma cúpula com lanternim, encimado por uma cruz latina. É revestida de motivos vegetalistas, folhas e flores.

MENINO JESUS

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura, madeira estofada, dourada e têxtil
Paróquia de S. Lourenço de Ermesinde

Sobre uma peanha de madeira entalhada e dourada, assenta a imagem do Menino Jesus, em madeira policromada. Vestido com uma túnica branca bordada a fio dourado, de motivos vegetalistas e eucarísticos, o Menino, de cabelo loiro e de olhos castanhos, abençoa, com a sua mão direita, os fiéis. Ainda hoje, é objeto de culto, pelos ermesindenses, no domingo seguinte aos Reis - a festa "Ao Menino Deus". Existem referências a esta festividade, ligada à juventude, no século XIX.

SÃO MIGUEL ARCANJO,

Autor desconhecido, séc. XIX,
Escultura, madeira estofada e policromada
Paróquia de S. Lourenço de Ermesinde

A personagem de S. Miguel Arcanjo é alvo de fortes devoções populares pela sua ligação ao exército celeste e à submissão das forças malignas; além do mais, o nome "Miguel", de origem hebraica, significa "quem como Deus". Aos pés da figura sagrada encontramos, esmagado e submetido, o demónio. O arcanjo veste-se de vestes claras pressionando uma lança, com as suas mãos, contra uma figura negra (o maligno).

SANTA RITA

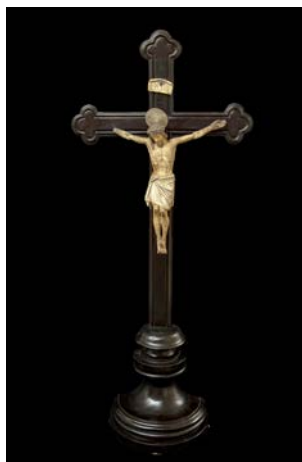
Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada e policromada
Santuário Diocesano de Santa Rita

Santa Rita detém um papel de destaque no nosso concelho. Pelos seus problemas familiares e pela sua história de vida, é advogada das causas impossíveis, recorrendo a ela muitas vítimas de violência doméstica. A imagem ostenta os atributos normais de Santa Rita, ou seja, o hábito agostiniano, a cruz e o espinho na testa. Ressalta a forte devoção desta personagem à Paixão de Cristo, facto que lhe valeu a graça de receber, na sua fronte, um dos espinhos da coroa de Cristo.

CRISTO CRUCIFICADO

Autor desconhecido, séc. XVIII,
Escultura, madeira estofada e policromada
Santuário Diocesano de Santa Rita

A Cruz nem sempre possuiu um lugar de destaque na vida dos primeiros cristãos (séculos I-IV), sendo, até esta época, sinal da morte terrível e abominável que tivera o Messias; contudo, finalizadas as perseguições, a Cruz é reinterpretada como um sinal de passagem e da vitória da Vida sobre a Morte. Dá-se, portanto, uma reabilitação da Cruz, apresentando-se como símbolo por excelência dos Cristãos. A imagem é composta por uma cruz simples, perfilada de talha dourada, cravado a imagem de Cristo chagado, ensanguentado e morto. Esta peça depreende algum movimento pela ondulação das vestes de Cristo.



CRISTO CRUCIFICADO

Autor em desconhecido, séc. XVII,
Escultura, madeira e metal
Santuário Diocesano de Santa Rita

O crucifixo em madeira, com pé, destinado à devoção privada ou ao adorno de altares. Além do mais, a peça possui a particularidade de a imagem de Cristo ser em metal fundido, policromado ao estilo maneirista.

MENINO JESUS

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura madeira estofada, policromada e dourada
Santuário Diocesano de Santa Rita

Sobre uma peanha de madeira entalhada e dourada, assenta a figura do Menino Jesus em madeira policromada. A imagem apresenta-se vestida com uma túnica de cor pérola, com apontamentos florais bordados a fio metálico. Possui, ainda, um cingulo em metal dourado. O Menino, de cabelo e olhos castanhos, abençoa com a sua mão direita os fiéis.

CIBÓRIO OU PÍXIDE,

Autor desconhecido, Séc. XVIII
Escultura, madeira e latão
Santuário Diocesano de Santa Rita

Destinada a receber as partículas (hóstias) para a distribuição aos fiéis, esta píxide, em madeira do século XVIII, possui características singelas desprovidas de qualquer adorno, encimando a peça apenas uma cruz dourada.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Autor desconhecido, séc. XVIII,
Escultura, madeira estofada e policromada e coroa de prata
Santuário Diocesano de Santa Rita

Esta imagem terá sido colocada, durante a noite, na escadaria da igreja. Segundo populares, terá sido um indivíduo que, tendo-se convertido a uma confissão religiosa que não privilegia o culto de imagens e, possuindo esta imagem, ter-se-á desfeito dela na esperança de os responsáveis do santuário a recolherem. A imagem reveste-se de uma túnica branca e um manto azul, sobre três querubins. Além do mais, a peça é coroada de prata apesar desta não lhe pertencer.

CUSTÓDIA-CÁLICE

Autor desconhecido, séc. XVII
Ourivesaria, prata e prata dourada
Paróquia de St. André de Sobrado

Doad a pelo abade Jerónimo Amarante, como pagamento de promessa. O uso deste tipo de peça ganhará destaque durante o período da contrarreforma católica, redobrando o culto da Eucaristia por toda a Cristandade. A peça possui uma dupla funcionalidade, permitindo a adoração do Corpo e Sangue de Cristo, pão e vinho. Decorada com motivos vegetalistas, o cálice de base redonda é decorado com quatro tintinábulo. Sobre este encaixa o hostiário, disposto em forma de templete acompanhado de um par de colunas, cúpula e lanternim encimado pela figura de Cristo ressuscitado com o estandarte da ressurreição.

SANTO ANDRÉ

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada e policromada
Paróquia de St. André de Sobrado

Possui atributos comuns do apóstolo Santo André, evangelizador e cruz em forma de "X", que se devem à sua hagiografia pela pregação do Evangelho e o martírio no ano 60 d.C. A imagem tem um orifício para a instalação de um relicário. A vila de Sobrado é associada às festas em honra de S. João Batista, apesar de este não ser o seu orago. Curiosamente, há uma relação entre estas duas personagens. Santo André fora discípulo de S. João Batista antes de integrar os apóstolos de Cristo.

SÃO JOÃO BATISTA

Autor desconhecido, séc. XIV-XV
Escultura, pedra Ançã
Paróquia de St. André de Sobrado

Adquirida em leilão pela Paróquia de Sobrado, incentivada pela forte ligação desta personagem à localidade, é uma das peças mais antigas da exposição, inserindo-se entre o século XIV e XV. Apresenta-se com vestes eremíticas e segura nas mãos um círculo com o relevo do Cordeiro.

S. JOÃO BATISTA

Autor desconhecido, séc. XIX
Escultura madeira estofada e policromada
Paróquia de St. André de Sobrado

Apesar do orago da paróquia de Sobrado ser Santo André, a localidade é conhecida pelas festas ancestrais em honra de S. João. A imagem possui os elementos comuns desta figura sagrada: cordeiro, livro e cajado.

CEIA DE CRISTO AOS APÓSTOLOS

Francisco José de Resende, séc. XIX, 1883
Pintura, óleo sobre tela
Paróquia de St. André de Sobrado

Francisco José de Resende terá oferecido esta tela para o altar-mor da igreja matriz de Sobrado e recebido apenas uma reduzida gratificação. A última refeição de Cristo com os seus apóstolos numa mesa com pão, vinho e um pedaço de cordeiro assado, comum na Páscoa judaica. Sentado, ao centro, surge a figura de Cristo ladeado de S. Pedro, S. João e restantes apóstolos. Do lado inferior direito do observador encontra-se Judas carregando o saco com o pagamento da entrega do Redentor.

BATISMO DE CRISTO

Autor desconhecido, séc. XIX,
Pintura, óleo sobre lençol
Paróquia de St. André de Sobrado

Antiga pintura do batistério, O Batismo de Cristo representa João Batista a batizar com a mão direita Cristo, no rio Jordão. Ambos se encontram de cabeça baixa em sinal de humildade. O ato é testemunhado pelo Espírito Santo, que se apresenta na forma de pomba. Esta tela foi redescoberta aquando das obras de reestruturação da Igreja Matriz de Sobrado.



CÁLICE

Autor desconhecido, séc. XVII, 1687
Ourivesaria, prata
Paróquia de St. André de Sobrado

De reduzida dimensão, este pequeno cálice do século XVII foi uma oferta de Francisco Ferreira Marques. Destinado ao culto divino, este cálice, em prata, tem gravado na sua base o nome do doador e a data.



NOSSA SENHORA DO PILAR

Autor desconhecido, séc. XVII
Escultura, madeira policromada
Paróquia de St. André de Sobrado

A devoção a Nossa Senhora do Pilar remete para a tradição católica em que a Virgem, que vivia em Jerusalém, terá aparecido a São Tiago Maior, apóstolo evangelizador da Hispânia, e ordenado a construção de um local de culto nesse lugar - a atual catedral-basílica de Nossa Senhora do Pilar, em Saragoça. A imagem é referenciada nas Memórias Paroquiais de 1758 como integrante do altar das Almas, da Igreja de Sobrado.

BANDEJA

Autor desconhecido, séc. XVIII
Ourivesaria, prata
Paróquia de St. André de Sobrado

Bandeja utilizada na recolha de ofertas durante as celebrações ou para fins decorativos.

PÍXIDE

Autor desconhecido, séc. XVII
Ourivesaria, prata e prata dourada
Paróquia de St. André de Sobrado

Destinada à distribuição da comunhão ou à adoração dos fiéis, este vaso, tipicamente barroco, apresenta uma silhueta curvada e contracurvada, tendo predominância de motivos vegetalistas e enconchados. A peça é adornada com vários rostos angélicos, além de ser encimada por uma cruz latina em prata dourada.

CÁLICE

Autor desconhecido, séc. XVIII
Ourivesaria, prata e prata dourada
Paróquia de St. André de Sobrado

Cálice de prata e prata dourada repleto de motivos vegetalistas. A base apresenta, em relevo, as uvas e o trigo separados por duas flores; a copa é vazada e repleta de motivos da Paixão de Cristo, cruz, açoite, pregos, cana verde, esponja e lança.

CRUZ PROCESSIONAL

Autor desconhecido, séc. XVIII
Ourivesaria, prata
Paróquia de St. André de Sobrado

Tal como o nome indica, destina-se a integrar procissões. Estamos perante uma cruz latina, com adornos comuns à época (curvados e contracurvados/ concheados e contra concheados). Sobre a cruz repousa, morto, Cristo acompanhado de raios septiformes de vários tamanhos.

TURÍBULO

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata
Paróquia de St. André de Sobrado

Destinado à combustão de incenso durante a liturgia, é decorado com relevos vegetalistas, folhas e flores.

NAVETA

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata
Paróquia de St. André de Sobrado

Destinada ao transporte de incenso para a posterior combustão, durante a liturgia, é decorada com relevos vegetalistas (folhas e flores).



ESTANTE PARA MISSAL

Autor desconhecido, séc. XVIII, 1714
Ourivesaria, madeira, prata, prata dourada e veludo
Paróquia de St. André de Sobrado

Em madeira, forrada a veludo e prata e pertença da Confraria do Santíssimo Sacramento de Sobrado, foi oferecida por um elemento da família Baldaia. A mesma família exerceu o direito de padroado sobre esta igreja durante, aproximadamente, trezentos anos.

Esta peça é adornada com motivos vegetalistas, flores, folhas, e volutas, em prata. Ao centro, em prata dourada, encontra-se uma custódia com o Santíssimo Sacramento.

MISSAL

Autor desconhecido, séc. XVIII e XX
Alfaia litúrgica, madeira, couro vermelho e prata
Paróquia de St. André de Sobrado

Datado de 1920, os pormenores em prata na sua capa remontam a 1714. Tem presente uma inscrição que atesta a oferta à Confraria do Santíssimo Sacramento. Concluímos que os adornos em prata pertenceram a um outro missal, que se encontraria degradado ou em desuso e recolocados num novo.

BATISMO DE CRISTO NAS MARGENS DO JORDÃO

Francisco José de Resende, séc. XIX, 1878
Pintura óleo sobre tela
Paróquia de S. Mamede de Valongo

A vida pública de Cristo é iniciada pelo batismo nas águas do Jordão. Pelas mãos de João, apelidado de "Batista", o Messias coloca-se na fila dos pecadores, propondo-se ao batismo de penitência e de arrependimento. Esta obra foi oferecida por Francisco José de Resende, pintor romantista português do século XIX. João é representado de maneira austera e eremítica; enquanto Jesus, de cabelos e barba longos e encaracolados, recebe o batismo de forma humilde e despojada, possuindo apenas um manto branco colocado diagonalmente. Este ato é presenciado pelo Espírito Santo, que se faz representar por uma pomba branca.



OFERTA A NUESTRO PAPA
DE FAVOR A D. NICOLAS DIAS DE OLIVEIRA
EN 7 D'ABRIL DE 1855



ÁRVORE DE JESSÉ

Autor desconhecido, séc. XVI

Pintura, óleo sobre madeira

Museu de Arqueologia e Arte Sacra- Seminário Maior do Porto

Obra de características flamengas do segundo quartel do século XVI, a "Árvore de Jessé" detém destaque a nível nacional. A obra pertence ao Colégio de Ermesinde, mas encontra-se exposta no MASA, do Seminário Maior do Porto. A representação da "Árvore de Jessé" tem origens medievais, de forma a legitimar Jesus como o Messias prometido.

Nos evangelhos, é apresentada uma longa genealogia de Cristo; contudo, na arte, a mesma é encurtada possuindo normalmente os doze reis de Israel e, ao centro, a Virgem com o Menino. Jessé encontra-se sentado, adormecido, e dele nascem raízes que nos levam aos reis de Israel. Coroando a árvore, aparece a Virgem Maria com o menino, que trocam uma maçã, evocando o pecado original.



CRUZ PROCESSIONAL COM SAIAL

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata e prata dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

A cruz processional, tal como o nome indica, destina-se a encabeçar procissões. Cruz latina com terminações trilobadas, possuindo um nó trabalhado decorado com volutas e concheados. Possui um Cristo e um resplendor de prata dourada.

RELICÁRIO

Autor desconhecido, séc. XVIII,
Ourivesaria, prata dourada
Paróquia de St. André de Sobrado

Utilizado na distribuição da comunhão aos doentes acamados, este relicário é formado por um recipiente para transporte da hóstia consagrada, com uma gravura do Santíssimo Sacramento rodeado de um resplendor. No verso, dispõe duas argolas destinadas à colocação de um fio para possibilitar transporte junto ao peito.

ÂMBULA DO ÓLEO DOS ENFERMOS

Autor desconhecido, séc. XVII
Ourivesaria, prata
Paróquia de St. André de Sobrado

A âmbula do óleo dos enfermos tem como principal função o transporte do óleo destinado à unção dos doentes. Este óleo, abençoado pelo bispo e distribuído por todas as paróquias da diocese, é guardado neste paralelepípedo e utilizado no sacramento da Santa Unção que prepara o enfermo para a vida eterna.

SÃO MARCOS

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira entalhada e dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

De cabelos e barba ondulados e vestes esvoaçantes, segurando um livro na mão direita e a pena na mão esquerda, é-nos apresentado o evangelista S. Marcos. Apesar de não ter conhecido pessoalmente Jesus Cristo, Marcos foi discípulo de S. Paulo e posteriormente de S. Pedro; deste modo é-lhe atribuído um dos quatro evangelhos canônicos. Este evangelista apresenta-se, geralmente, acompanhado de um leão. Esta associação entre o animal e o evangelista deve-se ao realce da Majestade de Cristo na redação do Evangelho.

SÃO MATEUS

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira entalhada e dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Cobrador de impostos, chamado e convertido pelo próprio Messias, S. Mateus, de livro aberto na mão direita e com a pena na esquerda, apresenta-se acompanhado de um menino agarrado às suas vestes, associado iconograficamente a este evangelista. Esta associação entre o autor sagrado e a figura humana está relacionada com o conteúdo do seu Evangelho, humanizando a figura de Cristo.

SÃO LUCAS

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira entalhada e dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

S. Lucas carrega o livro aberto na mão esquerda e a pena na mão direita, repousando o seu pé esquerdo sobre um boi. O evangelista foi discípulo de S. Paulo e acompanhou-o nas suas viagens. Nos seus escritos enfatiza a missão sacrificial de Cristo pela humanidade assim como a Sua infinita misericórdia; deste modo, a iconografia cristã associa a figura do boi, animal caracteristicamente sacrificado pelos judeus e pelos pagãos.

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

João Batista Ribeiro, séc. XIX
Pintura, óleo sobre tela
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Do pintor João Batista Ribeiro para o altar de Nossa Senhora do Rosário. Num fundo misterioso ressaltam dois querubins e surge a figura da Virgem com o Menino, serena e simples, entregando com a sua mão direita o rosário a S. Domingos de Gusmão vestido com o hábito da ordem religiosa que fundara em 1216, a Ordem dos Pregadores dominicanos. Segundo a hagiografia do santo, a Virgem ter-lhe-á aparecido e entregue o rosário, favorecendo a sua meditação como forma de honrar a Virgem Mãe de Deus.

SÃO JOÃO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira entalhada e dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

O mais novo dos apóstolos e o mais próximo de Jesus, apelidado como 'o discípulo amado', S. João é apresentado, geralmente, sem barba. De água aos pés, segura na mão esquerda o Evangelho e na direita a pena. O apóstolo João é encarado como o 'evangelista da revelação' em virtude da sua descrição da Encarnação de Cristo, apresentando-o como o 'Verbo encarnado' e pela redação do Apocalipse. O evangelista é comumente acompanhado de uma águia, símbolo da revelação divina.

SÃO PEDRO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada, dourada e policromada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Chamado por Cristo, Simão larga as redes e segue o Messias. De Simão passará a Pedro, assumindo a condição de pedra fundacional da Igreja de Cristo. A este apóstolo serão confiadas as chaves do Céu, apresentando-se como mediano entre o Céu e a Terra. A escultura apresenta um homem de idade avançada, calvo, mas corpulento. Na sua mão esquerda segura o Evangelho e, na esquerda, segura a chave que lhe fora confiada. A imagem repousa sobre uma peanha quadrangular.

JARRO

Autor desconhecido, séc. XIX, 1895
Ourivesaria, prata e prata dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Pertença da Confraria do Santíssimo Sacramento, este jarro de prata, destinado ao transporte de água, é utilizado nas celebrações litúrgicas. A peça é ornamentada com motivos vegetalistas, folhas e parras de uvas. A água demarca um papel fundamental na manutenção da vida; também na liturgia tem simbolismo purificador e santificador. De destacar que o uso desta peça nos remete para celebrações festivas assim como, no rito do lava-pés que tem lugar na Quinta-feira Santa.

CALDEIRINHA E HISSOPE

Autor desconhecido, séc. XIX, 1861
Ourivesaria, prata
Paróquia de S. Mamede de Valongo

O uso de água benta como sacramental cumpre simultaneamente a função de perdoar os pecados veniais e recordar a graça do batismo. A água é transportada numa caldeirinha para a aspersão dos fiéis por meio do hissope. Pertencente à Confraria das Benditas Almas da freguesia de Valongo, esta peça é ornamentada com motivos vegetalistas, flores e folhas.

CÁLICE E PATENA

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata dourada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

O cálice e a patena são dois elementos fundamentais para a celebração da Eucaristia. A base e a haste deste cálice são decoradas com motivos florais. Já a copa, na qual ocorre o milagre da transubstanciação, é ricamente ornamentada em prata cinzelada e vazada com motivos florais e volutas, possuindo elementos referentes à Paixão de Cristo, como a escada, o martelo, os pregos, a coluna.

NOSSA SENHORA DA PURIFICAÇÃO

João Batista Ribeiro, séc. XIX
Pintura, óleo sobre tela
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Do pintor João Batista Ribeiro para o altar de Nossa Senhora da Purificação, padroeira da Confraria das Almas, esta obra está mergulhada num grande dramatismo. Num fundo negro surge-nos, sobre uma rocha, a figura da Virgem carregando o seu filho desnudo nos braços. Com o braço direito estendido aponta o caminho para a salvação das almas. A seus pés agonizam as almas aflitas que imploram por socorro. De ressaltar que o ponto de luz dimana da figura do Menino Jesus que, de mãos erguidas e olhos fitos na mãe, ora incessantemente.

QUADRO DAS INDULGÊNCIAS

Autor desconhecido, séc. XVIII
Pintura, óleo sobre madeira
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Esta peça confirma a legitimidade da Confraria das Benditas Almas de Valongo, estabelecendo estatutos, normas e indulgências. Deste modo, há uma promoção deste movimento religioso atraindo novos membros para a integração da mesma. Uma indulgência consiste no perdão de determinados pecados sob determinada condição, como orações, penitências, esmolas, obras de caridade e misericórdia. Neste caso, o documento outorgado pelo bispo diocesano fora passado para a madeira de modo que o fiéis pudessem consultar o documento para o acesso às graças concedidas, cumprindo escrupulosamente o definido.



SÃO MAMEDE

Autor desconhecido, séc. XVII
Escultura, madeira estofada e policromada
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Orago de Valongo, o jovem mártir oriundo da Cesareia, atual Turquia, viria a dar glória a Deus, recebendo o martírio cerca do ano 275, com apenas 16 anos. É popularmente associado às doenças intestinais pelo seu martírio, tendo em conta que, foi trespassado por um tridente no abdômen. A imagem pertencia à primitiva Igreja paroquial, e apresenta-se com uma túnica vermelha adornada com motivos florais dourados, segurando na mão direita o Evangelho; na esquerda, seguraria um cajado de pastor.

NAVETA

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Destinada ao transporte de incenso para a sua combustão, a peça, em forma de navio faz jus à sua origem morfológica, remetendo para a nave de um navio. Possui na sua base alguns delineados decorativos; além do mais, faz-se acompanhar de uma colher, também em prata, que se encontra acorrentada à alfaia.

SÃO MIGUEL ARCANJO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Escultura, madeira estofada, dourada e policromada
Câmara Municipal de Valongo – Extinta Capela de São Bruno

O arcanjo S. Miguel, é-nos referido na Sagrada Escritura como chefe das milícias celestes, tendo como principal função o combater do mal prefigurado, geralmente, na figura de um anjo negro submetido pela figura angélica. A peça alada enverga uma couraça, uma lança e um escudo com a epígrafe "Quem como Deos", tratando-se exatamente do significado do nome 'Miguel'. Estes atributos devem-se à sua função militar. A peça pertence à extinta capela de S. Bruno.





CRISTO EM AGONIA

João Antônio Correia, séc. XIX

Pintura, óleo sobre tela

Paróquia de S. Mamede de Valongo

Do pintor João Antônio Correia para o altar do Senhor Bom Jesus, atual altar de Nossa Senhora das Dores. Num fundo escuro deparamo-nos com a figura de Cristo crucificado iluminado, ensanguentado e moribundo. Os seus olhos fitam o céu preparando-se para entregar a Sua vida a Deus Pai. Sobre a cruz, como nos relatam os Evangelhos, foi pendurando um letreiro escrito em várias línguas apresentando o condenado: "Jesus, o Nazareno, Rei dos Judeus".



RESPLENDOR DE NOSSO SENHOR DO CALVÁRIO

Autor desconhecido, séc. XVIII

Ouivesaria, prata e pedras

Paróquia de S. Mamede de Valongo

Pertencente à imagem de Nosso Senhor do Calvário de Valongo, pertencente à extinta confraria desta capela. O resplendor em forma de cruz, é acompanhado de raios de menor dimensão entre as suas hastes. Sobre este repousa outro de prata dourada de forma losangular. Sobre o todo, desenvolve-se um conjunto de pedras de cor púrpura que rodeiam a cruz central.

CUSTÓDIA ADORADA POR ANJOS

João Antônio Correia, séc. XIX

Pintura, óleo sobre tela

Paróquia de S. Mamede de Valongo

Do pintor João Antônio Correia para o altar do Santíssimo Sacramento, representa o Santíssimo Sacramento, acompanhado dos coros celestes em adoração. Num fundo escuro, aparece uma luz que ilumina toda a obra, o Santíssimo Sacramento. A hóstia consagrada aparece suportada por um anjo dourado de reduzida dimensão e é acompanhada por uma glória de dez anjos e seis querubins.

PÁLIO PROCESSIONAL

Autor desconhecido, séc. XIX, 1865

Paramento, seda, fio de ouro e veludo

Paróquia de S. Mamede de Valongo

Ornamento utilizado em atos de devoção pública, foi doado por José Alves Saldanha à Confraria do Santíssimo Sacramento, em 1865. Em seda e bordado a metal dourado e prateado, tem ao centro, rodeado de um resplendor, um bordado da figura do 'Agnus Dei' sobre uma nuvem. O pálio é rematado com vinte abas com motivos eucarísticos, uvas e trigo.

COROA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Autor desconhecido, séc. XIX

Ouivesaria, prata

Paróquia de S. Mamede de Valongo

Pertencente à imagem setecentista de Nossa Senhora do Rosário de Valongo, era pertença da extinta confraria do mesmo nome. A coroa é trabalhada com motivos florais, flores e folhas. Da coroa saem quatro braços encimados por uma esfera e uma cruz latina.

S. JOÃO BATISTA

João Batista Ribeiro, séc. XIX

Pintura, óleo sobre tela

Paróquia de S. Mamede de Valongo

Do pintor João Batista Ribeiro para o altar de S. João Batista, representa o orago do altar a que se destina. Surge sentada a figura jovem e bem constituída de S. João. Com a sua mão direita acaricia o cordeiro, assim como ampara um estandarte com a inscrição "ECCE AGNUS DEI" - Eis o cordeiro de Deus.



COROAÇÃO DA VIRGEM

Autor desconhecido, séc. XVII

Pintura, óleo sobre tela

Paróquia de S. Mamede de Valongo

A Coroação da Virgem corresponde aos padrões habituais deste tipo de representação, ou seja, a Santíssima Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - num plano superior e a Virgem ocupa um plano central, recebendo uma coroa. A pintura apresenta a Virgem com o hábito da Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos. Esta ordem, para além da hospitalidade e da prática das obras de misericórdia, tinha como principal função arrecadar meios e vidas para o regate dos cativos feitos nas lutas contras os muçulmanos. O pagamento poderia efetuar-se em riquezas ou em vidas. Os membros desta ordem estavam prontos a oferecer-se em troca da libertação dos prisioneiros cristãos.

TURÍBULO

Autor desconhecido, séc. XIX
Ourivesaria, prata
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Destinado à queima de incenso, a combustão desta planta é utilizada pela Igreja Católica representando a oração dos fiéis - "Subam até vós as nossas orações como nuvem de incenso" - para santificar, abençoar e venerar. Este turíbulo é ricamente ornado com motivos vegetalistas e concheados.

COROA NOSSA SENHORA CONCEIÇÃO

Autor Leitão & Irmão – Antigos Joalheiros da Coroa, 1998
Ourivesaria, ouro, pedras preciosas, madeira e veludo
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Oferecida a Nossa Senhora da Conceição por António Duarte Navio pela devoção do benemérito à Virgem Maria. Em ouro cravejado de rubis, pérolas, esmeraldas e diamantes, esta coroa encontra-se dentro de um estojo em madeira exótica, revestido a veludo vermelho e destinado a expor parcialmente esta peça.

MISSAL

Autor desconhecido, séc. XVIII, 1710
Alfaiá litúrgica, prata, veludo e madeira
Paróquia de S. Mamede de Valongo

O missal possui as orações e indicações para a celebração da liturgia católica. Neste caso estamos perante um missal de 1701 com uma capa em veludo púrpura e motivos em prata. É pertença da Confraria das Almas de Valongo, sendo a decoração alusiva à Virgem da Purificação e às Almas do Purgatório.



CASULA ROMANA

Autor desconhecido, séc. XIX
Paramento, seda e fio de ouro
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Casula romana, datada de meados do século XIX. A sua decoração é à base de relevos florais, com especial destaque para as costas, com uma cruz em alto relevo ricamente adornada e, ao centro, o cristograma 'IHS'. Esta face seria a mais trabalhada, dada a sua exposição aos fiéis durante as celebrações antes do Concílio Vaticano II.

SANTO ANTÓNIO

João Baptista Ribeiro, séc XIX.
Pintura, óleo sobre tela
Paróquia de S. Mamede de Valongo

Do pintor João Batista Ribeiro para o altar de Santo António. Santo do povo, na arte é representado como um jovem cândido, com hábito franciscano, segurando o Menino Jesus. Foi grande erudito em assuntos bíblicos, o que fez com que a Igreja Católica o incluísse entre os seus doutores.

SÃO PAULO

Autor desconhecido, séc. XVII
Pintura, óleo sobre madeira
Câmara Municipal de Valongo – Extinta Capela de São Bruno

S. Paulo tornou-se um pilar basilar da fé cristã. O apóstolo segura na sua mão esquerda a espada e na direita o Evangelho, de túnica verde e de manto avermelhado. A imagem é envolta num resplendor luminoso. A peça pertence ao retábulo da extinta capela de S. Bruno.



SÃO PEDRO

Autor desconhecido, séc. XVII
Pintura, óleo sobre madeira
Câmara Municipal de Valongo – Extinta Capela de São Bruno

Apóstolo de Cristo a quem foi confiada o governo da Igreja, instituindo assim a sucessão apostólica, o papado. Fora este o homem que o Redentor escolhera para governar a sua Igreja. São Pedro é representado de forma simples, repousando a mão esquerda sobre o peito e segurando, com a direita, a chave. A peça pertence ao retábulo da extinta capela de S. Bruno.

SÃO BRUNO

Autor desconhecido, séc. XVIII
Pintura, óleo sobre tela
Câmara Municipal de Valongo – Extinta Capela de São Bruno

Fundador da Ordem da Cartuxa, conhecida pela sua austeridade, pelo silêncio ininterrupto e pela contínua penitência dos monges, S. Bruno, monge do século XI, destacou-se pela busca pela santidade e pelo afastamento das 'coisas do mundo'. A pintura, proveniente do retábulo da extinta capela de S. Bruno, apresenta a visão do monge da Virgem Maria com o Menino. Ao fundo, o báculo e a mitra, como referência ao episcopado que recusara e à ordem que fundara. Nas mãos segura elementos que nos remetem para a Paixão de Cristo, coroa de espinhos, lança e esponja, associados à sua vivência religiosa.

CASULA ROMANA

Autor desconhecido, séc. XIX
Paramento, seda e fio de ouro
Câmara Municipal de Valongo – Extinta Capela de São Bruno

Casula romana datada dos inícios do séc XIX. A sua decoração tem por base relevos florais bordados a fio de ouro.

UNTITLED

Jorge Curval, séc XXI
Escultura, madeira, resina e malha de ferro
Ateliê Jorge Curval

Cristo crucificado, numa imagem sofrida, de linguagem contemporânea. Assente em tábua de retábulo.



Paróquia de
S. MARTINHO
DE CAMPO



Curva

LABORAL DO PORTO E BATEL DO PORTUGAL
portoenorte™



WWW.CM-VALONGO.PT
@MUNICIPIODEVALONGO